

## Consolidar Maputo como zona libertada

N.  
24/6/82

A distribuição de armas à população da capital simbolicamente iniciada no comício de terça-feira não é um fenómeno novo na história e tradição do Partido Frelimo. Dele não se podem retirar conclusões alarmistas sobre uma qualquer ameaça iminente que pairaria sobre Maputo.

A luta contra o colonialismo português só foi ganha porque o seu agente foi precisamente o Povo moçambicano, dirigido e organizado por uma linha correcta. As FPLM são, desde sempre, povo armado e organizado.

Paralelamente, houve factores que determinaram que parte do povo prosseguisse actividades produtivas e de administração necessárias ao apoio e enquadramento da guerrilha propriamente dita, muito embora mantivesse armas prontas para defesa e segurança no interior dos territórios que iam sendo reconquistados nas diversas províncias.

A estratégia da guerra popular consistiu basicamente em, a partir do campo, isolar as cidades. Transformá-las nos últimos redutos do colonialismo. A preparação do povo para a guerra iniciou-se portanto primeiro no campo. Se nunca chegou a efectuar-se nas cidades, foi porque a derrota militar do inimigo surgiu antes daquelas serem tomadas. Lourenço Marques, particularmente não chegou a sentir o «aperto final» daquela estratégia.

Daqui derivariam sequelas de que estamos hoje ainda a sofrer. Os aspirantes a burgueses, instalados maioritariamente nas cidades começaram a encarar as conquistas do Povo moçambicano como algo de «natural» para seu usufruto. A habitação na cidade do cimento, o salário mais substancial que nunca, o acesso aos locais de onde dantes se era expulso pelo racismo e brutalidade foram sendo encarados como «direitos naturais» dos assimilados que nunca foram criticado — antes pelo contrário — uma gota de sangue na luta heróica de todo o povo.

Por isso foi que nas cidades se intensificou mais a luta de classes no plano ideológico e político, por isso é que nas cidades, particularmente na capital, essa pequena burguesia age hoje como difusora dos boatos e rumores mais alarmistas da sobrevalorização da acção dos bandos armados, da iminência dos «ataques» e dos «golpes».

Nesta fase, uma vez mais as armas começaram a ser distribuídas no campo. Foi a própria população a pedir-las na medida em que o campo é de facto a primeira zona de choque dos **Notícias, Maputo, 24 de Junho de 1982** que traz a morte, o sangue, a mutilação, o terror.

A transformação de Maputo em zona libertada não se iniciou com a distribuição das armas. A distribuição das armas em Maputo é sim o início de uma machadada definitiva nos marginais e bandidos que na capital juntamente com os aspirantes a burgueses que agem através do boato e da ideologia que difundem, são os prolongamentos dos bandos armados.

O processo de transformação de Maputo em zona libertada é um processo longo e complexo — precisamente pelos factores apontados — e que se iniciou no próprio dia em que foi proclamada a independência.

A mudança de nome de Lourenço Marques para Maputo, tal como o hastear de uma nova bandeira em substituição daquela da potência colonial, não significam automaticamente uma cidade nova, uma nação nova.

Desde há alguns meses que a burguesia das cidades, encorajada pela sua ignorância política e pela sua total alienação intensificou a sua acção desestabilizadora a todos os níveis, muito em especial no campo económico, das exportações, em todos os canais ligados ao abastecimento do povo e ao escoamento dos nossos produtos.

Foi assim que assistimos à coincidência das faltas, das dificuldades, dos nós de estrangulamento em alturas particularmente críticas. Foi assim que assistimos ao agravamento de um clima de tensão, alimentado pela boataria mais desenfreada, a par de um aumento da criminalidade. Dos assaltos, assassinatos macabros e violações.

O inimigo criava o ambiente psicológico mais fértil para o pânico. Pela capital o inimigo fazia circular com força as suas armas ideológicas. Se é certo que os bandos armados não possuem ideologia — são um mero instrumento — o «apartheid» e o imperialismo que possuem a sua política e armas ideológicas.

A revolução teve de se defender nos seus pontos nevrálgicos — nas cidades, contra todo este trama. E, para o fazer, intensificou os passos para transformar a capital numa zona libertada que é — não o esqueçamos — zona libertada da mentira, da presença física e ideológica do inimigo, zona de produtores organizados possuindo objectivos bem claros e uma clara consciência de pertença a uma nação socialista.

Assim se reforçaram as estruturas de base pela proliferação de Células do Partido e implantação e dinamização de Grupos Dinamizadores de tipo novo, assim se intensificou o trabalho ideológico do Partido a nível da base, assim se promoveu a Lei de Defesa da Economia, arma fundamental contra o inimigo de classe a nível das unidades de produção, do abastecimento, do escoamento. Assim se intensificou a Ofensiva Política e Organizacional que pôs a nu tantos podres de que urgia deparar. Assim se abriu caminho para os comprometidos com o colonialismo se integrem como cidadãos livres no selo dos seus compatriotas.

A limpeza dos bandidos da nossa cidade, tarefa cujo termo foi marcado para daqui a três meses não pôe fim portanto ao processo de consolidação de Maputo como zona libertada. Pelo contrário, cria condições para que esse processo ganhe o ímpeto e a permanência necessária para que a capital seja de facto a cabeça sã de um corpo saudável.